

Os papéis do “Papel”: entre o protagonismo e o papelão

Alyne Gomes Gonçalves*
Flávia Braga Krauss de Vilhena**

“Papel”, o mais novo livro de Everton Almeida, apresentado no fim de 2020 pela Curupira Cartonera – uma editora caseira, mas que funciona como projeto de extensão da UNEMAT e confecciona livros com capa de papelão – é uma brincadeira com as possibilidades de seu título, o papel. É uma experimentação sobre as alternativas existentes de trabalho sobre o papel: brinca com ele, brinca sobre ele, brinca com sua ideia, brinca através do papel que o papel desempenhou no avançar da História, aqui também interpretada como essa montanha de escombros e destruição como colocado por Walter Benjamin¹.

O fragmento a seguir, por exemplo, retirado do poema que traz o mesmo nome do livro, nos interpela a refletir sobre o que cabe e o que não cabe neste invento humano, questionando a diferença de valores entre os universos que entram e os que não entram no papel:

No papel cabe

O que não se diz na face
por medo ou covardia

A desconfiança no dito
registrado em cartório

O valor de troca
na moeda sem lastro

No papel não cabe

Tudo o que se fala
e não se escreve

* Acadêmica do curso de Letras da UNEMAT – câmpus de Tangará da Serra.

** Professora de Língua Espanhola no curso de Letras da UNEMAT – câmpus de Tangará da Serra; Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (2016) contato: flaviakrauss@hotmail.com.

¹ Em “Sobre o conceito de história” (1994, p. 226), Benjamin defende a ideia de progresso como um retrocesso, já que o caracteriza como um amontoado de ruínas resultantes de toda a destruição necessária para se “progredir”. Aqui, deixamos a citação tal como aparece neste bonito ensaio: “O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso”.

A presença do ato
seus efeitos de fato [...]
(BARBOSA, 2020, s/d)

Como podemos interpretar a partir do excerto transcrito, há coisas cabíveis e coisas incabíveis em uma folha a ser escrita, de modo que um questionamento que se depreende desta leitura se refere à coexistência de mundos paralelos e intangíveis no dentro-fora da ilha do papel em branco (CERTÉAU, 1998), abrindo-nos para a problematização de um importante estado de coisas da contemporaneidade, como foi reforçado pelo autor na apresentação oral do livro²: “a palavra falada vale menos que uma firma registrada em cartório.”

Postas estas observações iniciais, adentremo-nos, pois, aos modos pelos quais se escreve o que está escrito no livro. É uma obra que já nos oferece uma chave de leitura em sua estrutura: ao alternar um *haikai* com um poema mais longo, nos mostra que seu modo de funcionamento se dá pela justaposição entre tese e antítese, que não chegam a formar uma pretensa síntese.

Aliás, *haikai* é um vocábulo composto por duas palavras da língua japonesa: *hai*, que significa brincadeira; e, *kai*, que significa harmonia. Se existe alguma síntese possível para esta bonita obra de Everton, acreditamos que esta seja a mais apropriada: uma brincadeira com a harmonia – lembremos que o poeta é também músico – que se empenha em dar a ver as contradições existentes nas justaposições feitas neste exercício lúdico. Em um nível mais elementar, estruturalmente, justapõe, ocidente à oriente, nos indiciando uma renitente alteridade tanto no interior quanto no exterior da escrita: outros modos de criá-la e outros modos de lidar com ela, alertando-nos para o fato de que há mais coisa entre o papel e a caneta do que pode supor nossa vã filosofia.

Em “Sertão” – a partir da contação de história de um caso familiar, um gênero que hegemonicamente circula no âmbito constituído pela oralidade – se aborda universos que se gestam, se inventam no contato de um avô, alfabetizado, e os apaixonados que não dominavam a técnica da palavra escrita e dela precisavam para dar corpo ao seu “muito sentir”:

[...] Meu avô traduzia
(em letras poucas
que tinha

² É possível resgatar a apresentação desta obra, feita sob o formato de live no dia 18 de dezembro de 2020, no seguinte link, disponível na página da Curupira Cartonera: <https://fb.watch/3o6qoRCP1S/>

guardadas
como farinha
no árido sertão)
o muito sentir
que traziam
pobres namorados
tímidos iletrados
brutos de ser tão
mudos de pena [...]
(BARBOSA, 2020, s/d)

Neste fragmento percebemos que entre o que um diz e o que o outro escreve existem muitos mundos. Neste sentido, é que vemos que “Papel” seja uma crítica e um elogio, uma denúncia e um agradecimento a esta invenção parida de uma árvore. Recuperando o anjo trazido pela citação de Walter Benjamin que já havia aparecido nesta resenha, entendemos que o papel em muitos aspectos também seja este anjo, caído – para jogarmos com a metáfora cristã, que em muito tem testemunhado e protagonizado o “progresso” – mas, que nesta obra, lança o alerta: estamos em cima de uma montanha de escombros.

Em “Papel Moeda” novamente temos uma justaposição de valores atribuídos ao papel que lança um questionamento, uma reflexão sobre tais valores do mundo moderno:

[...] Promissórias
que não como
que prometem
que terei
o que quero
o que quis
o que sempre
quererei
e não tenho [...]

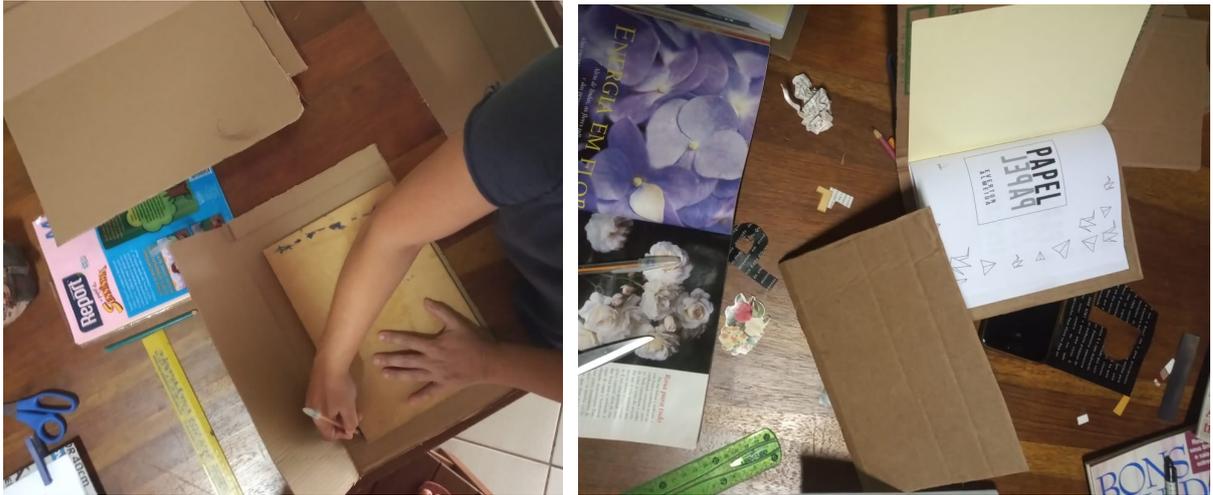
[...]Papel nenhum
prometerá
o que não tenho
de valor
de maior:
O que vivo
O que sinto
O que amo
(BARBOSA, 2020, s/d)

Nesse trecho do poema, existe uma indagação sobre valores que, não raramente, se invertem e se perdem na vida cotidiana, chamando a atenção para as coisas que sim possuem importância: “o que vivo/ o que sinto/ o que amo”.

Fazemos notar ainda que o oriente – talvez aqui metaforizado como uma possível alteridade – volta a comparecer no livro para além dos *haikais*, sob a forma de origamis, evidenciando uma escrita que se dá por um trabalho muito mais manual que intelectual e que é capaz de (re)criar mundos, de modo que a oposição dada pelo manual *versus* intelectual criada e assumida hegemonicamente no mundo ocidental também se faz presente.

De nossa parte, gostaríamos de encaminhar esta resenha para seu fim, pontuando que, talvez de um modo similar à arte do origami, o suporte que abriga a obra de Everton – o suporte cartonero, que se constitui como um livro de papelão costurado à mão – também gesta a (re)invenção de um mundo. E, neste momento, recorreremos à Segato (2010), que nos chama a atenção para o fato de que o mundo moderno se constitui a partir de binarismos – inclusive dois deles são fortemente abordados na obra de Everton, como já pontuamos: palavra oral *versus* palavra escrita e o fazer intelectual *versus* o fazer manual. Pois bem, voltando à linha de raciocínio apresentada por Segato (2010) temos: ao estabelecer uma relação binária entre todos os elementos do mundo moderno³, conseqüentemente um dos elementos binários acaba sendo escolhido como o universal, de modo que o outro acaba sendo tomado como resto. Apoiando-nos na interpretação lançada por esta antropóloga que entende que o primeiro destes binarismos seja o antagonismo inventado pelo mundo moderno entre o homem e a mulher, entendemos que o autor, ao escolher sua obra para ser publicada em formato cartonero, um formato que se inventa a partir do que muitos consideram lixo, reafirma performaticamente seu compromisso com o que tem sido classificado como resto, como descarte, como refugio na lógica moderna de nossa sociedade.

³ E aqui, mais uma vez, relembramos os dois binarismos potentemente trabalhados na obra de Everton de Almeida: escrita *versus* oralidade e intelectualidade *versus* manualidade.



Referências

ALMEIDA, Everton. **Papel**. Tangará da Serra: Curupira Cartonera, 2020. Disponível em: https://issuu.com/curupiracartonera/docs/papel_everton.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. IN: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sergio Paulo Rouanet, Prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1994.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes do fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

SEGATO, Rita Laura. Género y colonialidad: en busca de claves de lectura y de un vocabulario estratégico descolonial. IN: QUIJANO, A. & NAVARRETE, J. (eds) **La Cuestión Descolonial**. Lima: Universidad Ricardo Palma – Cátedra América Latina y la Colonialidad de Poder, 2010.